

Brasil está longe de uma estagflação, afirma Tombini

Em audiência no Senado, presidente do BC aponta crise argentina como fonte de preocupação para desempenho da economia brasileira

Victor Martins
Laís Alegretti
Eduardo Rodrigues / BRASÍLIA

Pressionado por uma inflação ainda resistente e por previsões cada vez piores para o crescimento do País, o Banco Central (BC) passou a dar mais peso a questões internacionais em seus cenários macroeconômicos.

Em audiência no Senado, o presidente do BC, Alexandre Tombini, disse ontem que o Brasil “está longe” de uma “estagflação”, traduzido como um cenário de custo de vida elevado e estagnação do Produto Interno Bruto, mas apontou para o mercado externo como fonte de preocupação, deixando claro que o calote na Argentina e os conflitos no Leste Europeu e no Oriente Médio entraram de vez no radar do governo.

Aos senadores, Tombini tentou atenuar o peso dos dados de inflação e os indicadores de crescimento, ao afirmar que há uma elevada “variância” desses índices e que seria preciso saber colocá-los em perspectiva de médio e longo prazos. Mas admitiu que parte do ritmo mais moderado do PIB sofre influência direta da crise na Argentina.

“Nossas exportações para a Argentina, que representam 10% da produção, caíram mais de 30% este ano. A Argentina é o nosso terceiro maior parceiro comercial, depois de China e Estados Unidos, representando 8%

● Expectativas

“A revisão do crescimento tem sido mais uma norma do que exceção nas principais economias do G-20. Se olharmos desde o início do ano, houve dramática revisão de várias perspectivas de crescimento de economias avançadas e emergentes.”

Alexandre Tombini

PRESIDENTE DO BANCO CENTRAL

das nossas vendas totais.” Os problemas no país vizinho, segundo Tombini, afetaram principalmente a indústria automobilística. E lembrou que 90% das exportações brasileiras para a Argentina são de manufaturados.

Em seu discurso, Tombini fez uma avaliação mais positiva para a economia doméstica do que o consenso entre empresários e analistas do mercado financeiro. O presidente do BC reforçou que a inflação ao consumidor está “mais comportada” e que o BC continuará a perseguir a meta de 4,5% ao ano. O índice geral de preços mostrou um recuo na inflação por três meses consecutivos.



NA WEB

Online. Pesquisa de preços volta à rotina do brasileiro

estadao.com.br/e/precosinflacao

“E pode ter o 4.º mês ou até o 5.º mês (de queda).” E afirmou que essa queda repete o que ocorreu em 1998, 2005 e 2009.

Tombini disse, ainda, esperar um segundo semestre mais dinâmico que o primeiro e projetou índices de inflação mais amenos nos últimos três meses de 2014. Para ele, no entanto, economias avançadas e emergentes não se recuperaram como o esperado até aqui.

Depois de ser questionado por senadores sobre a piora nas expectativas de crescimento da economia brasileira, Tombini argumentou que a revisão de perspectiva para o PIB tem ocorrido em vários países. “A revisão tem sido generalizada. Não é fato isolado, não é algo que diz respeito somente ao Brasil”, defendeu.

O presidente do BC defendeu, ainda, a liberação de R\$ 45 bilhões em depósitos compulsórios aos bancos para estimular a concessão de crédito. “Nos últimos anos, observamos uma moderação no ritmo de crescimento do crédito, com o aumento do interesse na aquisição de casa própria e a diminuição de crédito para consumo. Moderou-se também a expansão do crédito para as empresas”, completou.

Por isso, afirmou Tombini, o BC optou por dar liquidez ao crédito. “A política macroprudencial é conduzida com o objetivo de aumentar a estabilidade financeira. Em 2010, foi usada para moderar excessos. Mas com a moderação indesejada



Audiência. Avaliação de Tombini sobre a economia doméstica destoou do mercado

Presidente do BC defende fiscalização no caso dos R\$ 4 bi

● O presidente do Banco Central, Alexandre Tombini, defendeu ontem, em audiência no Senado, a fiscalização feita pela instituição ao explicar a descoberta de uma conta paralela de R\$ 4 bilhões em créditos da União mantida por um banco privado nacional fora do radar do BC e que ajudou a atenuar o resultado

no crédito em alguns segmentos, é justificável que medidas macroprudenciais apontem agora na direção contrária.”

O estrategista-chefe do Banco Mizuho do Brasil, Luciano Rostagno, avalia que não houve mudança no tom de Tombini

negativo das contas públicas de maio. “Nosso processo é um processo consagrado, segue as melhores práticas internacionais. Temos governança robusta com esse procedimento.”

Ele indicou ainda que mais esclarecimentos sobre a conta podem ser dados em requerimentos de informações. “Para questões adicionais, certamente o Congresso tem poder requisitório para acessar qualquer evento mais concreto que eu não posso aqui me aprofundar.”

Foi a primeira vez que o presi-

dente do BC falou sobre o assunto após a revelação feita pelo ‘Estado’, em julho. Na semana passada, o secretário do Tesouro, Arno Augustin, afirmou que cabia ao BC esclarecer a natureza da conta, opinião repetida pelo ministro da Fazenda, Guido Mantega, em entrevista ao ‘Estado’.

O caso da conta paralela de R\$ 4 bilhões permitiu que o déficit primário de maio fosse de R\$ 11 bilhões, e não de R\$ 15 bilhões, como informou o porta-voz do BC em entrevistas gravadas. / JOÃO VILLAVERDE

desde a última reunião do Comitê de Política Monetária (Copom). Ao reafirmar que os efeitos do ajuste dos juros ainda estão por se materializar, Tombini indica que o nível de 11% da Selic seria suficiente para combater a inflação. “A sinalização

é de que é hora de esperar para ver como a economia se comporta”, disse Rostagno. Para o gerente de renda fixa da Leme Investimentos, Paulo Petrassi, o presidente do BC adotou “um discurso muito conservador”. COLABOROU OLÍVIA BULLA